

Impasse na rolagem da dívida interna

3661 Z30 6 2
GAZETA MERCANTIL

por Maria Christina Carvalho
de São Paulo

A alta da inflação em janeiro, prevista pelo mercado financeiro (ver abaixo), está causando um impasse na rolagem da dívida pública interna. O Banco Central (BC) não quer endossar a expectativa altista, mas também não está conseguindo vender seus títulos.

O BC recusou, ontem, pelo segundo dia consecutivo, as propostas de compra de seus bônus (BBC) feitas pelas instituições financeiras. A atitude do BC já havia causado, no dia anterior, uma queda dos juros no mercado financeiro, mas não teve impacto nenhum nas ofertas feitas pelos BBC.

O mercado se propôs a comprar os mesmos títulos de 28 dias novamente oferecidos ontem, em leilão informal ("go around"), por taxas entre 49,10 e 50,10% ao mês, com uma dispersão maior do que a observada no leilão fracassado do dia anterior, quando as taxas variavam de 49,35 a 49,50%.

As taxas mais elevadas

estão sendo pedidas por instituições que esperam uma inflação de 40 a 41% em janeiro. Um índice nessa faixa foi sinalizado ontem pelo mercado futuro de depósitos interfinanceiros (DI), que indicou um custo efetivo do dinheiro para janeiro em 43,08%. Descontado um juro real de 1,80%, sobra uma inflação de 40,55%.

Alguns bancos afirmam que os BBC poderiam ter sido comprados por 49%, mesmo que a inflação chegue a 39,5%. Para os operadores, o prêmio extra que o mercado pediu reflete, na realidade, a insegurança em relação à evolução dos preços e dos juros. Já no leilão da semana passada, os BBC foram vendidos com um prêmio de 0,20 ponto embutido na taxa de 47,32%.

"Está havendo uma aceleração da inflação, que o mercado não consegue mensurar, causando a disparidade e até o exagero de taxas", afirmou João César Tourinho, diretor financeiro do Banco BEAL, calculando que se o BC aceitasse pagar os 49,40% pedidos pelo mercado estaria

concordando com uma inflação de 41% ou com um juro real bem elevado, de 2,50%.

Para resolver o problema concreto de rolar a dívida de CR\$ 950 bilhões (US\$ 3,3 bilhões) que venceu ontem, o BC teve que vender títulos por um dia, a 44,92% ao mês, adiando-o por apenas 24 horas e prolongando a perplexidade do mercado.

Na próxima semana, o problema será bem maior, pois estará em jogo a rolagem de um vencimento estimado em US\$ 9 bilhões, que envolve não apenas BBC mas também letras e notas do Tesouro Nacional (LTN e NTN).

O impasse revela a fragilidade do mecanismo de financiamento da dívida pública interna, que depende do mercado financeiro para rolar mensalmente cerca de um terço do estoque de CR\$ 9,76 trilhões (US\$ 41,3 bilhões) de títulos públicos que estão fora do BC, equivalentes a 7,8% do Produto Interno Bruto (PIB).

Uma boa parte desses papéis é absorvida pelos compradores compulsórios, os fundos mútuos de investimentos que, ontem, diante do fracasso do novo leilão, correram atrás de títulos públicos já em circulação para lastrear suas carteiras e de certificados de depósito bancário (CDB).

As taxas anuais dos CDB caíram 220 pontos, com a maior demanda e também em resultado da atitude do BC. No final do dia, os CDB eram cotados a 7,265% ao ano para as grandes aplicações, mas ainda assim estavam acima dos níveis da segunda-feira. Houve também um ligeiro recuo nos juros do mercado futuro de DI.

As bolsas de valores subiram diante da queda do juro e com a atuação dos investidores estrangeiros. A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) teve alta de 4,13% e a Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (BVRJ), de 6,39%. O mercado paulista negociou US\$ 337,13 milhões. Os resultados de novembro do Banco do Brasil e do Banespa ajudaram a impulsionar as cotações dessas empresas e do setor bancário, apurou a editora Lucia Rebouças.